



## **Identidade , Estilo de vida e Consumo: Uma Análise Conceitual de suas Inter-Relações na Comunicação Intercultural<sup>1</sup>**

**João Renato de Souza Coelho Benazzi<sup>2</sup>**

**Faculdade de Comunicação Social – Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

### **Resumo**

Este ensaio discute as relações entre o conceito de identidade, sua expressão por meio de estilos de vida na contemporaneidade e impactos relevantes nos processos de comunicação intercultural. O foco da análise recaiu sobre do papel que processos de comunicação intercultural desempenham na construção das imagens sobre si e sobre os outros, do sujeito reflexivo, fragmentado, descentrado e marcado por seus estilos de vida. Explorou-se também a perspectiva de análise do multicultural a partir da interculturalidade. Neste contexto, é importante pensar a comunicação intercultural em seus relacionamentos e a partir do simbólico, do imaginário da recepção, e não apenas da representação legitimadora de grupos centrais, que privilegia as características culturais e se mostre a um só tempo fragmentada e fluida, dinâmica.

**Palavras-chave:** Comunicação Intercultural; Identidade; Estilo de vida; Consumo

### **Introdução**

Este ensaio discute as relações entre o conceito de identidade, sua expressão por meio de estilos de vida na contemporaneidade e impactos relevantes nos processos de comunicação intercultural. Dentre diversos aspectos relacionados à análise do ambiente sociocultural em que ocorrem os processos de comunicação intercultural na contemporaneidade, selecionou-se a perspectiva de analisar aspectos de sua funcionalidade frente a características dos indivíduos-receptores e da forma como estes constroem as imagens e percepções sobre si mesmos, suas identidades (BENAZZI, 2005, 2008 e 2010). A problemática da interculturalidade e da comunicação intercultural (CIC) no contexto de uma sociedade multicultural foi objeto de análise detalhada por ElHajji (2006) e é a partir de tais contribuições que se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 02 - COMUNICAÇÃO, CONSUMO e IDENTIDADE: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e Professor do departamento de Administração da PUC-Rio. Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ e mestre em Administração pela PUC-Rio.



trabalha aqui. Na contemporaneidade, as formas pelas quais os indivíduos e grupos constroem as percepções sobre si mesmos e sobre os diferentes grupos com que se relacionam vêm sofrendo alterações marcantes e profundas (WOODWARD, 2000). Essa questão se apresenta como relevante no contexto da comunicação intercultural na medida em que provoca mudanças – algumas sutis e progressivas, outras mais intensas – com repercussões marcantes na cultura e no modo como sociedades multiculturais se valem da CIC para “privilegiar o diálogo construtivo entre diferentes franjas culturais e étnicas da sociedade e tornar públicos seus discursos auto-reflexivos” (ELHAJJI, 2006, p. 2).

No caminho para aprofundar o entendimento das repercussões de processos reflexivos nas vidas cotidianas, surge a perspectiva de abordar o conceito de individualização (BECK, 1997). Individualização quer dizer “primeiro, a desincorporação, e, segundo, a reincorporação dos modos de vida da sociedade industrial por outros novos, em que os indivíduos devem produzir, representar e acomodar suas próprias biografias” (BECK, 1997, p. 24). Tais decisões, que antes estavam submetidas a normas obrigatórias e “incorporadas” com base na tradição (GIDDENS, 2002), agora são dependentes – em grau variado – da decisão individual. Tais decisões, por sua vez, ao mesmo tempo que encerram modos de vida abrem situações e condutas inovadoras.

Tal capacidade e poder de escolha tornam as simples escolhas cotidianas da vida uma decisão reflexiva (GIDDENS, 2002). A biografia de cada um é um projeto não padronizado, fruto das escolhas e preferências individuais. Na medida em que tais decisões passam a ser compulsórias, elas adquirem o sentido de perigo pessoal – na sociedade de risco – e obrigam as pessoas a conviverem com a perspectiva do erro e fracasso autoinfligido. Contemporaneamente, a construção das autoidentidades também constitui um exercício reflexivo (GIDDENS, 2002 e Hall, 2003). A manutenção de narrativas de vida coerentes, ainda que continuamente revisadas somente se produz em ambiente de variedade de escolhas possíveis, marcadamente influenciado pelo que Giddens (2002) chama de sistemas abstratos (distantes da



COMUNICON 2015

congresso internacional  
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS  
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO  
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

experiência individual), e confere o caráter reflexivo do eu. Castells (1999) aponta ainda que a identidade, por seu caráter de autodefinição, organiza significados enquanto papéis organizam funções. Na CIC papéis e identidades são negociados continuamente em seus processos de produção e reconfiguração dos significados envolvidos no processo. Na sequência, a partir da análise das relações entre processos de comunicação e identidade, amplia-se a análise para debater a contribuição que processos de consumo podem trazer para esta tese.

Tal conjuntura afeta a constituição do sujeito, suas formas de expressão e relações no tocante ao afetivo, ao consumo e às formas sociais de interação. Afeta o “estilo de vida”, isto é, a forma como o sujeito leva sua vida, que, por seu turno, impacta a forma como o indivíduo constrói imagens sobre si e sobre as suas afiliações e pertencimentos grupais (GIDDENS, 2002). Segundo Giddens (2002, p. 79), é importante compreender que “estilo de vida” significa muito mais do que simplesmente consumismo superficial: o estilo de vida pode ser definido como o conjunto das práticas que o indivíduo incorpora em sua vida que não preenchem apenas necessidades utilitárias, mas “dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade”. Tais práticas se transformam em rotina na medida em que são absorvidas e se expressam em decisões cotidianas e banais da vida: na maneira de vestir, de comer, de beber, nos lugares que alguém seleciona para encontrar os amigos... Esse conjunto de práticas é a expressão das decisões não só em termos de escolhas superficiais, mas por informar sobre quem se é.

Nesse contexto, a noção de “estilo de vida” toma um papel destacado: se a tradição perde força na determinação das percepções sobre si mesmo, o resultado da confrontação entre as tendências pasteurizadoras do global e as amarras diferenciadoras do local encontra vazão nas seguidas escolhas que são realizadas quanto ao modo de condução de nossas vidas a partir de um cardápio de opções que se mostra progressivamente ampliado. Essa condição, aliada à acelerada produção de formas inovadoras de autoridade, torna a simples escolha do estilo de vida um processo de decisão revestido de crescente importância, tanto na produção dos modos



COMUNICON 2015

congresso internacional  
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS  
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO  
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

cotidianos de vida quanto na construção simbólica que fazemos de nossas existências e nas percepções que moldamos sobre nós mesmos (HALL, 2000). A ênfase, portanto, recai na comunicação como processo essencialmente simbólico e passível, assim, de análise interpretativa.

O contexto multicultural contemporâneo, em que se misturam e se encontram variados discursos de CIC e estilos de vida associados, pode ser entendido como de grande confusão. Na verdade, o que talvez se destaque, na visão de Beck (1997), é uma grande profusão de códigos de comunicação, muito mais fundamentados nas microescolhas individuais e de pequenos grupos, moduladas pelos estilos de vidas, do que em normas grupais e tradições essencializada (BAUMAN, 2010). Mesmo os códigos do sistema – de comunicação, de comportamento – não são mais exclusivos ou compreensíveis apenas para um grupo específico. A face da comunicação intracomunitária e direcionada ao fechamento comunitário ou comunitarismo fechado, como afiança ElHajji (2006), já não dá conta das demandas da sociedade democrática. Os códigos não estão mais alocados univocamente na relação com um grupo, antes o contrário. É a capacidade de dominar uma variedade de códigos que produz a “arte de estar à vontade no redemoinho” (BECK, 1997, p. 46).

Nesse sentido, uma agenda para a comunicação – e especificamente para a comunicação intercultural – passa pelo uso e domínio de variedades crescentes de códigos de significação, característica central da interculturalidade. Mais que aderir ao contexto, utilizar a dúvida permite que a experiência de comunicação intercultural seja vivida de forma variada, combinando o que parece contraditório ou incompatível e reconhecendo, com tolerância, que seu destino primeiro é a incerteza e que o diálogo com alteridade e a diferença (WOODVARD, 2000) são o risco a ser corrido.

Numa abordagem ao contexto mais amplo das relações entre cultura e identificações, Bhabha (2010, p. 25) afirma que

as grandes narrativas conectivas do capitalismo e de classe dirigem os mecanismos de reprodução social, mas não fornecem, em si próprios, uma estrutura fundamental para aqueles modos de identificação cultural e afeto político que se formam em torno de questões de





sexualidade, raça, feminismo, o mundo de refugiados ou migrantes ou o destino social fatal da AIDS.

Mais especificamente, destaca-se a perspectiva de que os significados associados às identidades estão sempre em jogo e em disputa e, nessa dinâmica, estão sempre em movimento, não podendo ser reduzidos a posições binárias ou dicotômicas apenas. Adicionalmente, as afiliações e afetos são de tipos variados, de influências múltiplas, e estes efeitos se entrecruzam. Essa variedade de influências desloca os significados mais comumente associados às categorias de classe, que se fundamentam em análise prioritariamente econômica acerca das afiliações identitárias. Critica-se, portanto, a visão de que a classe – entendida aqui como emuladora do nível de renda – seja a categoria central ou determinante das afiliações. Desse modo, destaca-se a questão de que as identificações, embora inscritas nas estruturas de reprodução social, estão também influenciadas pelas questões pessoais ou, como aponta Hall (2003, p. 61), “o significado aqui não possui origem nem destino final, não pode ser fixado, está sempre em processo e ‘posicionado’ ao longo de um espectro. Seu valor político não pode ser essencializado, apenas determinado em termos relacionais”. Dito de outro modo, tanto Hall (2003) como Bhabha (2010) criticam as grandes narrativas modernas como determinadoras dos significados associados às identidades. A perspectiva essencialista da identidade encontra suas raízes na ideia de que a classe e respectivas influências da economia sobre os processos de formação grupal sejam preponderantes e determinantes nas percepções de afiliação e de pertença aos grupos. É este pressuposto que é aqui criticado, posto em xeque. O caráter “posicionado” do significado evidencia que estas autopercepções estão sob influências variadas e conjunturais. Ora o fator que se destaca é o gênero, ora a condição de migrante, ora a questão racial, que deslocam o sentido inicial tanto da identidade essencialista fundamentada na classe e renda como de cada um destes mesmos termos. As “posições” de afeto de grupo se alternam. A argumentação de Hall (2003) destaca ainda a impossibilidade da noção de projeto sem risco para a identificação. O conceito



de identidade remete, portanto, às relações que se estabelecem entre os binários, nas fronteiras semânticas.

Para falar de fronteiras, Bhabha (2010, p. 22) se utiliza de metáforas, como “o poço da escada como espaço liminar, situado no meio das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco”. Dessa forma, parece concordar com Hall que os significados associados às dicotomias são arbitrários e que as identidades estão em permanente negociação nos “tecidos de ligação”, no meio dos espaços liminares. São os pontos em que as interações simbólicas encontram os laços de ligação, do pertencimento comum. Assim, há não apenas os deslocamentos das autoidentificações oriundos de fatores diversos, mas também gradientes de autopercepções. Há conexões entre afiliações, há negociação entre os fatores de influência... O que se destaca é que os próprios opostos binários que designam os fatores estão em questão, sob suspeição. Os significados associados aos opostos simbólicos perdem força, como fator de descrição dos pertencimentos, para os pontos intermediários, os espaços da escada. As diferenças ficam embaçadas, também deslocadas de seus sentidos tradicionais utilizados como categorias para análise de tais pertencimentos identitários.

Bhabha (2010, p. 22) reafirma que

O ir e vir do poço da escada, o movimento temporal e a passagem que ele propicia evita que as identidades a cada extremidade dele se estabeleçam em polaridades primordiais. Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta.

Assim, reafirma-se a negação das grandes narrativas simplificadoras e explicadoras do real, que se valem dos opostos essencializados para apontar identidades fixadas. Destaca também a questão do hibridismo cultural, mas, de modo diverso da metáfora do híbrido na biologia, a esfera da cultura não permite previsibilidade dos resultados do processo de hibridização cultural nem classificação estável, estando sempre em processo. A diferença, embora sirva de ponto de apoio



para identificação, não a estabelece por completo. Bhabha discute o caráter classificatório das percepções identitárias, principalmente a hierarquização de tais classificações, a propensão a associar a estas classificações julgamentos valorativos que não residem nelas de per si, mas que são a elas associados pela perspectiva essencialista-econômica de identidade fundada em classes.

Após a metáfora de fronteira, Bhabha (2010, p. 24) adiciona a da ponte: “sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte reúne enquanto passagem que atravessa”. Assim, ele reafirma uma posição não apenas dinâmica para a identidade, como relaciona o conceito com semelhanças culturais. A ponte, por conectar e ser atravessada, constrói processos de identificação pelo que é similar, pelo que une, pelo pertencimento, ainda que não uma os exatamente iguais. Ao mesmo tempo que reconhece a perspectiva de Hall (2003), neste sentido específico, que trabalha com a questão da diferença no processo de identificação, Bhabha destaca o movimento inverso e também constitutivo do reconhecimento mútuo de afiliação pelas similaridades, pelos afetos consonantes.

Já Martín-Barbero (2004) ressalta, no panorama cultural latino-americano, as mudanças em profundidade na cultura cotidiana, mudanças estas que põem em movimento os imaginários e memórias coletivos:

Profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias: mudanças que trazem à superfície estratos profundos da memória coletiva ao mesmo tempo em que movimentam imaginários que fragmentam e des-historicizam. ... Mudanças que nos confrontam com uma acelerada desterritorialização das demarcações culturais e com desconcertantes hibridizações nas identidades.

Desta perspectiva também se destaca o choque e o caráter disruptivo que o processo de hibridização das identidades opera nas grandes narrativas sobre a vida social. Seu efeito desestabilizador sobre as visões simplificadoras do mundo e da vida cotidiana se assenta na multiplicidade de efeitos que o processo de hibridização de identidades gera: a extrema divisão das autopercepções dos grupos, a variedade das



afiliações, a instantaneidade dos mecanismos afetivos de autopertencimento; a fragmentação da identificação é o resultado destas influências mútuas e concomitantes. Pela rapidez de tais processos, sua des-historicização é quase que consequência direta: as percepções identitárias estão cada vez mais influenciadas por questões do tempo presente. Encontram influências importantes nas variações conjunturais e estão marcadas pelo tempo presente e futuro. O passado, como lugar de fornecimento de sentido, de interação simbólica, se enfraquece. Por isso, a menção da desterritorialização, do efeito do relaxamento da conexão entre o conteúdo simbólico associado a um lugar específico e tais memórias e afetos. A historicização operava como mecanismo principal de ancoragem de tais significados e seus afetos. Os pertencimentos – que ocorrem pelos significados circulantes – se ligavam aos grupos localizados em territórios e faziam a ligação direta entre os afetos e os grupos. É este mecanismo que se enfraquece, ou como enfatiza ainda Bhabha (2010, p. 35), “as divisões binárias através das quais estas esferas da experiência social são freqüentemente opostas espacialmente. “estão em declínio como mecanismo de auto-identificação”.

De forma complementar, Bhabha (2010, p. 34) afirma que

[...] a intervenção histórica se transforma através do processo significante, como o evento histórico é representado em um discurso de algum modo fora de controle. E [...] o autor da ação social pode ser o inaugurador de seu significado singular, mas, como agente, ele ou ela não podem controlar seu resultado.

Assim, é a previsibilidade do resultado de tal processo de mudanças que se apresenta quase que sem a concepção moderna de projeto, da intencionalidade, da conjugação de meios para atingir fins predeterminados. O risco, entendido como a variação nos resultados futuros, é a norma. Nas interações simbólicas, nos processos de comunicação, nas mediações que se instalam, o fora de controle designa que não há o direcionamento e o planejamento que vigoravam no passado. As perspectivas teóricas de indústria cultural, da manipulação das massas e dos sentidos produzidos de forma unificada se enfraquecem. Há novos fatores em jogo.





Hall (2003, p. 67) afirma que é um erro fundamental confundir as formas diaspóricas com uma vagarosa transição para a assimilação completa (...) elas representam uma nova configuração cultural. Seriam as comunidades cosmopolitas em que valores, tradições e outros aspectos culturais se atravessam mutuamente, evidenciando o deslocamento das categorias tradicionais de análise de tais grupos, rompendo com o senso comum. As hibridizações culturais fogem ao controle, embora permaneçam influenciadas pelos efeitos da globalização. O risco está presente e não há garantia nem expectativa de resultado do processo. Portanto, há a sensação de que as formas pelas quais os processos de comunicação e mediação operam estão complexificadas, por um lado, com resultados e efeitos menos sujeitos aos planos e projetos de emissores e, por outro lado, na forma como suas influências atuam sobre os afetos e pertencimentos, em especial nos processos de identificação, de pertencimento e afiliação a grupos.

Assim, resgata-se, mais uma vez, Bhabha (2010, p.28), quando afirma a necessidade da “compreensão da ação humana e do mundo social como um momento em que algo está fora de controle, mas não fora da possibilidade de organização”. Ou seja, se parece cada vez mais ilusório ou inseguro pretender concatenar, no âmbito das relações entre processo de comunicação e identificação, meios na perseguição de objetivos predeterminados, parece viável aprofundar a compreensão das mudanças contemporâneas nas inter-relações entre cultura e ambos os processos em maior profundidade.

A questão central do conceito de identidade consiste, na visão de Bauman (2005), em se definir quem se é. É uma questão que se apresenta simultaneamente como inclusiva e excludente, porque classifica. Buscar ou escolher um ponto de referência para a identificação implica em colocar outro ou outros em segundo plano, por menos relevantes. Bauman (2005) indica que hoje a questão da identidade se coloca como tema em debate porque existe a possibilidade de escolha quanto à percepção de quem se é e que o processo de identificação ocorre através da adesão às comunidades de pertença. Bauman (2005) diferencia ainda comunidades nas quais a



admissão se dá por escolha daquelas comunidades de destino (em que se é admitido pelo nascimento). As identidades nacional, étnica e familiar, por exemplo, seriam comunidades de destino ou de nascença, de vida, onde a ligação é absoluta, enquanto as profissionais, de afeto, de vizinhança e muitas outras seriam “comunidades de indivíduos que acreditam” (p. 17), constituídas “unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios”. Afirmar, ainda, que não apenas a questão da identidade só se afirma nas comunidades de segundo tipo (as de escolha), como é uma questão relevante na análise social contemporânea porque existe uma variedade de princípios e ideias disponíveis para serem escolhidos e abraçados. Para Bauman (2005), tanto a identidade quanto o pertencimento são negociáveis – no sentido de que estão em processo e não definidos de modo absoluto e essencializado – e revogáveis. Não estão fixados para toda a vida e sequer seriam sólidos hoje. As comunidades de pertença – de escolha – que antes se caracterizavam por grande estabilidade e segurança hoje são produto de um compromisso ambivalente.

Sentindo-se inserido na comunidade de eleição o indivíduo também indica como é, como se vê, como se entende no espaço social através de seu modo de inserção. Mas para Bauman (2005, p. 32), no mundo líquido moderno a adesão a tais comunidades de pertença é mantida em constante e ininterrupto movimento. Um mundo que “está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (p. 19). Vivendo em tal ambiente, passar por mais de uma comunidade de pertença beiraria o impossível, o que, por sua vez, levaria os indivíduos a enfrentar outro problema: a questão da consistência percebida ao longo da trajetória de aderir a tais comunidades na continuidade da identidade. Nesta perspectiva, a questão da identidade está ligada às comunidades de pertença.

Muito de tal debate sobre o modo como funciona a percepção de quem se é na contemporaneidade se impõe, na visão de Bauman (2005), porque “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas, inegociáveis, simplesmente não funcionam” (p. 33). Na visão de



Giddens (2002), o eu se torna um projeto reflexivo (VELHO, 2013), o que implica reconhecer que as escolhas de vida, de como levar adiante a vida cotidiana se pautam, na alta modernidade, nas escolhas pessoais. Não se trata mais de recorrer à tradição, seus valores sedimentados e respostas prontas como mecanismo de auxílio nas decisões da vida. As decisões de carreira, vida afetiva, relacionamentos sociais, grupos de associação não estão mais determinadas – e, por isso, reproduzidas automaticamente – a partir das tradições. A alta modernidade, a contemporaneidade, é pós-tradicional. Para Giddens (2002), os sistemas abstratos estão na ordem institucional e também na formação e continuidade do eu. A atividade social moderna possui um caráter de constituição reflexiva. Perguntamo-nos continuamente: Como devo viver? Se fosse num tempo tradicional a pergunta seria cogitada. Bauman (2005) também reforça tal perspectiva. A identidade é algo a ser inventado e não descoberto. Não estão dadas, a priori, as identidades a que posso me afiliar. Antes de mais nada, a identidade está sempre a ser produzida, em processo, por ter caráter eternamente provisório. Pode ser criada a partir do zero ou escolhida entre opções disponíveis, mas sempre inventada.

Simmel (1967), ao discorrer sobre metrópoles e a vida mental, fala sobre essa estética das relações sendo regidas pelo dinheiro e sobre o caráter blasé, como um “embotamento do poder de discriminar” (p. 16). Ao examinar o modo de vida nas grandes cidades e a vida mental de seus moradores, compara os habitantes das pequenas cidades e vilas (onde há relações baseadas no ânimo e pautadas pelo afeto, intensas e imediatas) com a organização do modo de vida metropolitano, “devido a tantas pessoas com interesses tão diferenciados que devem integrar suas relações e atividades em um organismo altamente complexo” (p. 15). Simmel (1967) observa a atitude blasée do habitante da cidade grande, em contraste com a atitude intensa do morador da aldeia. Aponta o mecanismo de embotamento de expressão dos habitantes da metrópole como meio de lidar com a variedade estonteante de estímulos sensoriais que a metrópole impõe a seus habitantes. A atitude blasée é, ao mesmo tempo, mecanismo de defesa e estilo de vida. Identifica-se assim também uma nova



COMUNICON 2015

congresso internacional  
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS  
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO  
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

sensibilidade, o flâneur de Benjamim (2006), em que a estética viabiliza novos e variados modos de vida urbanos. Na metrópole o anonimato, advindo da sensação de ser um desconhecido na multidão, traz a sensação de invisibilidade e solidão por um lado, mas oferece também a liberdade individual para agir longe dos olhares atentos e curiosos dos vizinhos e conhecidos, como ocorre ininterruptamente na aldeia. Nas cidades grandes os controles sociais intracomunitários são muito menos frequentes, intensos e efetivos. A vida veloz e intensa, com a circulação veloz do dinheiro (instrumento de moeda de troca), espanta, atordoa, embota. No entanto, diferentemente da vida enraizada na aldeia, a atitude flâneur do desprendimento, do transitar dentro do novo da metrópole abre infinitas novas possibilidades (e perigos e obstáculos). É por isso que embora a vida urbana na metrópole seja o centro, nada se apresenta mais como única fonte de identificação. “Antes a modernidade era transmitida de um único centro. Hoje ela não possui tal centro [...] estão por toda parte.” (HALL, 2011, p. 46). Os signos culturais estão em todo lugar, se resignificando e sendo transformados, continuamente, “as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2011, p. 27).

Mesmo reconhecendo a pluralidade da cultura (CERTEAU, 1995), parece aqui adequado analisar os limites do conceito de multiculturalismo, especialmente na vertente das teorias que advogam sua pertinência como forma de manter o convívio democrático. O termo multicultural alude a contextos em que as identidades são assumidas como fixas, estáveis e essencializadas, portanto. O prefixo multi se opõe ao seu sucedâneo inter aqui. Assim, defender a permanência e manutenção de sociedades e grupos multiculturais leva a concebê-los como um quebra-cabeça ou um muro sólido de tijolos em que mudanças, transformações e a mistura entre as heranças culturais de grupos distintos são, em projeto, processos sociais e culturais não desejáveis (Velho, 1994). A metáfora do muro é útil aqui para apontar que os grupos culturalmente distintos (equivalentes a tijolos) permanecem separados entre si na composição do muro. E destaca o caráter estático e imutável tanto dos tijolos/grupos como também do muro/sociedade. É da ausência de dinamismo, transformação e





mudança que a sociedade de projeto multicultural se ressentir, não fornecendo suporte, por exemplo, para explicar o processo de hibridações culturais (CANCLINI, 2004). Por outro lado, um contraste central entre os conceitos de multi e interculturalidade diz respeito a como a diferença é tratada.

... multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica o encontro dos diferentes em um mesmo mundo e devem conviver em relações de negociação, conflito e obrigações recíprocas (CANCLINI, 2012, p. 106).

No intercultural a diferença cultural não é defeito ou erro do acaso nem projeto a ser suportado e tolerado (GIANTURCO, 2007). A diferença é parte constitutiva da cultura, tal como afirma Hall (2011, p. 33): “A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é essencial para cultura.” A interculturalidade não separa, põe em contato, não quer pureza e sim a combinação da hibridização, a mistura constante e permanente. É nesse contato que a multiplicidade de modos de vida, de encontro com o outro e da curiosidade com o diálogo com as diferenças se afirma como modo democrático de vida. A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de “pertencimento cultural”, mas abarcar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença – que estão transformando a cultura no mundo inteiro (HALL, 2011, p. 47).

Por fim, uma ênfase numa abordagem teórica multiculturalista pode revelar uma intenção de se priorizar análise de curto prazo, de modo que o objetivo central da análise seria de cunho descritivo. Já uma abordagem intercultural se dedica a entender os aspectos processuais da análise, direcionando-se à análise histórica, do presente e de prospecções quanto ao futuro. Esta última também dá especial relevância à negociação entre diferentes, à permeabilidade e fragilidade de fronteiras e a separações de cunho simbólico na análise teórica.

### **Para concluir**

Assim, este ensaio deteve-se em analisar aspectos do ambiente sociocultural em que ocorrem os processos de comunicação intercultural na contemporaneidade. Foram abordados aspectos específicos das relações sobre o caráter reflexivo das



mudanças contemporâneas, o processo de individualização, o processo de construção de identidades e suas repercussões nas percepções sobre os estilos de vida como pano de fundo dos processos comunicacionais interculturais. Foram analisadas as inter-relações do ambiente social e de consumo da contemporaneidade com ênfase na reflexividade dos processos de mudanças constantes e seus impactos nos públicos, agentes de construção de significado nos processos de comunicação. O foco da análise recaiu sobre o papel que processos de comunicação intercultural desempenham na construção das imagens sobre si e sobre os outros do sujeito reflexivo, fragmentado, descentrado e marcado por seus estilos de vida. Explorou-se também a perspectiva de análise do multicultural a partir da interculturalidade. Neste contexto, é importante pensar a comunicação intercultural em seus relacionamentos e a partir do simbólico, do imaginário da recepção, e não apenas da representação legitimadora de grupos centrais, numa perspectiva que fortaleça a comunicação circulante, que privilegie as características culturais e se mostre a um só tempo fragmentada e fluida, dinâmica.

### Referências

- BAUMANN, G. El enigma Multicultural. Um replanteamiento de las identidades nacionales, étnicas y religiosas. Madrid: Paidós, 2010.
- BAUMAN, Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.
- BENAZZI, J.R.S.C. Reflexividade, individualização e identidade: um estudo das influências na comunicação mercadológica contemporânea. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro- RJ, Intercom, 2005.
- BENAZZI, J.R.S.C. Individualização, identidade e estilo de vida: explorando a interface entre os significados do consumo e a produção de sentido na comunicação organizacional. V ENEO, Belo Horizonte - MG, ANPAD, 2008.
- BENAZZI, J.R.S.C. Identidade e Estilo de Vida: Analisando o Ambiente Cultural e de Consumo Contemporâneos na Produção de Sentido da Comunicação Organizacional. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul - RS, Intercom, 2010.
- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- CANCLINI, N. G. As identidades como espetáculo multimídia. In: CANCLINI, N. G. Consumidores e cidadãos: conflitos culturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997



CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2004.

CANCLINI, N. G. Diferentes, Desiguais e Desconectados: Mapas da Interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

CASTELLS, M. Introdução. In: O poder da Identidade. Vol. 2 de A Era da Informação: Economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. 1 As artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

ELHAJJI, M Comunicação Intercultural: Prática social, significado político e abordagem científica. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, vol 6 , 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/86/86>

GIANTURCO, G. Cultura e identità. Orientamenti concettuali di base per L'intercultural. In COLELLA, F.; GRASSI, V. Comunicazione interculturale: Immagine e comunicazione in una società multiculturale. Milano: Franco Angeli, 2007.

GIDDENS, A. Tribulações do eu. In GIDDENS, A . Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, S. Codificação/decodificação. In HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart . A questão multicultural In: SOVIK, Liv (Org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart . Quem precisa de identidade? In: TADEU SILVA, Tomaz (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2011.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (orgs). Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana / Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar. 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.